

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS

O MARQUÊS DE POMBAL E O SEU TEMPO

Tomo II



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1982

A ODE A FILENO E A REFORMA DA UNIVERSIDADE DE 1772

No «Reino Cadaveroso» ou no «Reino da Estupidez» como já alguém chamou ao Portugal setecentista ⁽¹⁾, o Marquês de Pombal acelerou o movimento cultural de feição iluminista, inaugurando um espírito científico em moldes metodológicos diferentes e de acordo com o espírito racionalista do século. Com efeito, no seu projecto de reforma do ensino e particularmente no projecto reformador universitário, as coordenadas foram-lhe ditadas pelo pensamento iluminista que soube assimilar nas suas estadias pelo estrangeiro, mas fundamentalmente pelas influências de muitos portugueses que na Europa e no país, presenciavam, participavam e desejavam uma ruptura cultural com um passado dogmático e estático.

Assim ao pôr de pé o novo edifício da instrução em Portugal e repetimos, ao apresentar nos Estatutos de 1772 ⁽²⁾ a reforma da Universidade, Pombal, por influência de vários «iluminados» que seria fastidioso enumerar aqui, introduz no ensino uma mudança que apesar de tudo tentou ser — e em parte foi — a substituição da Universidade «medieval», obscura e dogmática, pela Universidade moderna, racionalista, experimentalista e justaturalista ⁽³⁾. Ou se quisermos,

(*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(1) António Sérgio, *Ensaio*, t. 2, Lisboa, 1972, pp. 25-57.

(2) *Estatutos da Universidade de Coimbra*, 1772, 3 vols.

(3) «...no século XVIII nenhuma nação do Continente europeu se esquivou ao apelo da objectividade científica e do empirismo entendido como posição que se coloca à margem da Metafísica e procura alcançar o conhecimento concreto. Pelo que a Portugal respeita, ele assinala uma das manifestações mais significativas da luta entre o

o Iluminismo teve no Portugal dos finais do século XVIII e concretamente na reforma universitária de 1772, uma aplicação cultural legalizada pelo Marquês.

Racionalismo, experimentalismo e jusnaturalismo, são a partir desse momento as linhas de força por que o ensino universitário se tentou pautar. Pombal, o ministro, e os seus colaboradores directos e indirectos, pretendem e conseguem implantar, desde 1772, uma reforma no ensino consequente e consentânea com o novo espírito científico que já no século XVII, tivera em Newton, Bacon e Descartes, as suas origens ⁽⁴⁾.

E pensamos ainda que este facto é tanto ou mais importante, se tivermos em conta que ao reformar o ensino na Universidade coimbrã em 1772, Pombal anuncia a evolução que se lhe quer imprimir, colocando-o ao lado da ciência em progresso constante, o que numa instituição como o era a universidade, com um ensino rotineiro, as novas descobertas da ciência não teriam facilmente penetrado sem essa reforma ⁽⁵⁾.

No século XVIII as Universidades europeias clássicas estão em nítido processo de decadência: em quase todas, o ensino superior processa-se ainda segundo o modelo e a tradição medievais e sem qualquer permeabili-

modernismo e a tradição filosófica da Contra-Reforma, ou por palavras mais precisas, entre o sentido do concreto e o abstraccionismo, entre a indagação exacta de problemas delimitados e o espírito de sistema, assim escolástico como cartesiano, entre a problemática ontológica, universalista, abstractiva, atemporal, e a necessidade sentida de levar a luz da Razão aos problemas do homem e da sociedade. A conjuntura cultural reclamava realmente a aplicação do espírito e do sentido prático da existência». Joaquim de Carvalho, «Introdução ao Ensaio Filosófico sobre o entendimento humano de John Locke», in J. Locke, *Ensaio Filosófico sobre o entendimento humano*, Coimbra, 1950, pp. 41-42; Cf. Leo Magnino, *Influência do iluminismo na cultura portuguesa*, in «Bracara Augusta», vol. 28, 1974, pp. 279-289.

⁽⁴⁾ Sobre a cultura portuguesa no século XVIII, as correntes filosóficas que a vivificaram e a oposição à Escolástica, vide particularmente a obra referida na nota anterior, pp. 1-42 e ainda J. S. da Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia*, in «Biblos» vol. 28, 1952, pp. 425-461, e *O ecletismo em Portugal no século XVIII*, in «Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano VI, 1972, pp. 3-24, e ainda Hernâni Cidade, *Lições de história de literatura e cultura portuguesa*, vol. II, Coimbra, 1968.

⁽⁵⁾ A querela dos Antigos e dos Modernos foi um momento particularmente importante nesse caminho. Também a propósito do progresso científico em Portugal no século XVIII vide particularmente a obra de Rómulo de Carvalho, *A física experimental em Portugal no século XVIII*, Lisboa, 1982.

dade ao avanço da ciência (⁶). As Universidades continuavam e continuaram ainda sem grande renovação. O verdadeiro progresso em termos científicos não penetrava os muros das valetudinárias instituições, pois só estava em marcha fora delas, em instituições análogas — as Academias, os Colégios, por exemplo (⁷).

(⁶) Antes da reforma da Universidade de Coimbra, e em toda a Europa, parece que só as Universidades de Viena, Halle e Göttingue tinham sido reformadas. Vide Boguslaw Lésnodorski, *Les Universités au siècle des Lumières*, Les Universités européennes du XVI^e siècle, Genève, 1967, pp. 143-159; Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, t. 3, 1700 a 1800, Lisboa, 1898, pp. 137-145. Vide também Louis Liard, *L'enseignement superieur en France, 1789-1889*, Paris, 1888, pp. 47-89; A. Ferrão, *A Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1926, pp. 5-8.

(⁷) É grande no século XVIII, o divórcio entre a ciência e o ensino: Louis Liard, *ob. cit.*, pp. 82-85. Também em Portugal, os colégios tiveram um importante papel, embora pequeno, no novo rumo dado ao saber, que a reforma de 1772 mais tarde acelerou. Assim como o tiveram depois as Academias portuguesas e particularmente a Academia das Ciências.

Antes da reforma da Universidade em 1772, dera-se um movimento espontâneo de transformações dos estudos nos Colégios que cercavam a Universidade. Notou D. Francisco de Lemos: «pelos anos de 50 e daí por diante se viu haver uma fermentação de bons Estudos teológicos em muitos colégios regulares da mesma Universidade. Fermentação que produziu o bom efeito do estabelecimento da cadeira de controvérsias nas Escolas públicas e da Universidade; e que fez sair os teólogos da escolástica sofística para a escolástica sólida e reformada. Mas até esta útil fermentação cessou nestes últimos tempos pela falta de estudantes, que principiou a haver nos Colégios...» «Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra desde o principio da Nova Reformação até o mês de Setembro de 1777 para ser presente à Rainha Nossa Senhora» in Teófilo Braga, *D. Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1894, p. 9.

Também a esse propósito apesar das devidas ressalvas, atendendo ao sentido ideológico da obra, vejamos o que nos diz o curioso opúsculo intitulado *Os Frades julgados no Tribunal da Razão*: «Os Regulares foram os primeiros que ensinaram publicamente em Coimbra a Filosofia moderna. D. Carlos Maria Pimentel nos Cruzios; os doutores Fr. Francisco de S. Bento Barba e Fr. Joaquim de Santa Clara nos Benedictinos; e o Doutor Fr. Alexandre da Silva nos Gracianos. O mesmo método seguiram os professores que lhe sucederam, até à Reforma da Universidade que só teve lugar quinze anos depois que as Escolas Monásticas se tinham reformado a si mesmas. Na Teologia aqueles mesmos professores que tinham sido criados com a especulação mais metafísica mudaram de sistema, apenas apareceram melhores livros e puderam julgar por comparação. Se nas suas aulas não tratam de História Natural, Química, Botânica e mais partes do grande Sistema é porque nos seus Colégios não têm Museus, nem Laboratórios, estabelecimentos superiores às posses da maior parte dos Conventos de Portugal», pp. 86-7.

Vide ainda, Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, t. 3, 1700 a 1800, Lisboa, 1898, pp. 18-19 e Boguslaw Lésnodorski, *ob. cit.*, pp. 143-145.

Na Universidade de Coimbra, o Marquês de Pombal através do seu projecto reformador terá de alguma maneira tentado conjugar o progresso científico com o ensino e por isso pensamos que a reforma de 1772, posta em prática pela letra dos novos estatutos da Universidade, representou a mais importante tentativa europeia no sentido de incutir na Universidade, o novo espírito científico.

Mas essa não foi uma tarefa fácil: a «Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra» que D. Francisco de Lemos, o reitor-reformador, apresentou a D. Maria I, cinco anos após a Reforma, em 1777, e que nos serviu de documento basilar, torna-nos possível colocar algumas questões e análises sobre a imagem e a realidade da reforma universitária que teoricamente os Estatutos preconizavam, mas que outros factores, entre os quais se salientou a existência de uma censura, entravavam (8).

Ao escrever em 1777 sobre a Universidade pombalina, D. Francisco de Lemos tinha presente que ao desejo de transformação, à ruptura que ela pretendia, na prática e com o decorrer dos anos, o que se verificara era em 1777, uma certa dificuldade em ultrapassar um espírito conservantista de métodos e análises pedagógicas, que não permitia, apesar das novas criações, alterações de fundo que orientassem o sentido do ensino para um plano em que as ciências fossem completamente divulgadas (9).

Significou também que apesar da criação das novas Faculdades de Filosofia e Matemática e da reorganização da Faculdade de Medicina e também de Direito, imbuídas do novo espírito científico simultaneamente experimentalista, racionalista e jusnaturalista, a reforma de 1772, não conseguiu realizar-se completamente. E porquê? Sabemos que o Marquês de Pombal não tinha descurado por um momento a tarefa refor-

(8) Na sua visão ideológica do século XVIII, Teófilo Braga afirmava a este propósito:

«Com este autoritarismo das monarquias absolutas do fim do século XVIII não era possível uma reorganização fundamentalmente da instrução de um país qualquer; entre nós fizeram-se muitos regulamentos, multiplicaram-se as cadeiras, mas a geração decaiu na profunda mediocridade de que só saiu depois da emigração liberal em 1829. Do único lado de onde podiam vir algumas ideias fundamentais para a reorganização do ensino, dos Enciclopedistas revolucionários, de Rousseau e Diderot, dos legisladores da Convenção, esses eram vasculhados nas alfândegas, e aquele que os lia tinha a porta aberta para as masmorras da Inquisição ou para as enxovias do Intendente Manique». Teófilo Braga, *D. Francisco de Lemos e a Reforma da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1894, p. VII.

(9) Teófilo Braga, *ob. cit. supra* p. III.

madora que pusera em marcha ⁽¹⁰⁾. Sabemos que apetrechara e prouvera com muitas medidas da mais variada ordem, desde o recurso a professores estrangeiros, à exoneração e jubileu de alguns lentes, à construção de laboratórios, observatórios, gabinetes, mas o que é facto é que passados unicamente cinco anos, a «Relação Geral» dá-nos um quadro perfeito do atraso da reforma ⁽¹¹⁾.

Não nos esqueçamos que em 1777, morre D. José e o seu ministro pede a demissão e isso bastou para que todo o movimento de difusão científica que o Marquês iniciara na Universidade como que paralizasse. É evidente que ao mudar a posição do rei pela da rainha no xadrez político português se sentiu um imediato desejo de ignorar o ministro reformador naquilo que ele carismaticamente representara e empreendera; sentia-se até uma má vontade, diríamos, da parte de alguns professores universitários em fomentar todo um movimento de evolução científica. Outras forças, ao lado da rainha D. Maria I, tentavam estabelecer em Portugal, uma Academia das Ciências, e por isso se descurava a Universidade ⁽¹²⁾.

As críticas à reforma do ensino, começam logo em 1777 pela simples apresentação da já citada «Relação Geral» ⁽¹³⁾.

⁽¹⁰⁾ Manuel Lopes de Almeida, *Documentos da Reforma Pombalina*, vol. I, Coimbra, 1937; Collecção das Leis, Decretos e Alvarás que compreende o feliz reinado del-Rei D. José I, 3 vols., Lisboa, 1775-1790; Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, t. 3, cap. III, Lisboa, 1898, pp. 315-576.

⁽¹¹⁾ No entanto: «D. Francisco de Lemos mostra-se muito superior aos autores do *Compêndio Histórico* ao caracterizar o estado decadente e os vícios pedagógicos da Universidade; narra o que se fez, o que se não pôde fazer, e o que não surtiu efeito depois da reforma. Por vezes as suas críticas negativistas encontram-se com os pontos de vista do bispo Cenáculo e do afamado Doutor António Nunes Ribeiro Sanches, que cooperaram nas reformas pedagógicas do grande ministro». T. Braga, *D. Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra*, p. VI.

Vide também a «Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra», particularmente as pp. XIII-XIV.

⁽¹²⁾ Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, t. 3, Lisboa, 1898, pp. 636; 641-2; 645-668.

⁽¹³⁾ Nesta obra, D. Francisco de Lemos analisa criticamente o estado das Faculdades nos cinco anos consecutivos à Reforma das Universidades e defende a necessidade do estabelecimento em Portugal de uma Academia das Ciências a que chama *Congregação geral das Ciências para o adiantamento, progresso e perfeição das Ciências naturais*: «E por outra parte, que tem mostrado a experiência que as Universidades, nem tem infelizmente promovido estes conhecimentos, nem tem recebido com a prontidão necessária os descobrimentos que de novo se têm feito em todas estas ciências (Filosofia, Medicina e Matemática), «Relação Geral do Estado da Universidade de Coimbra» in *ob. cit.*, pp. 61-62.

D. Francisco de Lemos, para conseguir salvar o que de facto a reforma pombalina tinha de mais positivo e verdadeiramente inovador, sentiu-se como que coagido a redigir aquele documento, porque ele também fora um dos eficazes executores do projecto cultural pombalino.

A correspondência de Ribeiro dos Santos é também uma crítica não menos cuidada e preciosa a quem pretenda avaliar o alcance da reforma de 1772 ⁽⁴⁴⁾, mas o núcleo crítico mais importante, porque mais concreto no âmbito do nosso trabalho é-nos dado anonimamente, quer pelo autor de uma «Dissertação crítica sobre os estatutos da Universidade de

(44) As missivas de Ribeiro dos Santos, são um testemunho curioso e acutilante: «Este Ministro quis um impossível político, quis civilizar a Nação e ao mesmo tempo fazê-la escrava; quis espalhar a luz das ciências filosóficas e ao mesmo tempo elevar o poder real ao despotismo; inculcou muito o estudo do direito natural e das gentes e do direito público universal e lhes erigiu cadeiras na Universidade de Coimbra, mas não via que dava luzes aos Povos para conhecerem por elas que o poder soberano era unicamente estabelecido para bem comum da Nação e não do Príncipe e que tinha limites e balizas em que se devia conter. Perguntais-me se, tendo o Marquês feito tanto mal quanto eu vos disse, acaso faria algum bem: o Marquês só fez uma coisa boa, abater o poder da Inquisição, sujeitando-o ao poder do Príncipe e reformando o Regimento...» António Ribeiro dos Santos, Mss. vol. 130, fl. 203, cit. por T. Braga, *História da Universidade de Coimbra*, t. 3, Lisboa, 1898, p. 569.

E ainda noutra carta: «Meu amigo: vem a Vossa carta lamentando a decadência dos estudos académicos e pranteais a falta do Marquês de Pombal. Mas que havia ele fazer, se fez pouco no princípio? Se edificou um edifício ruinoso como havia agora de ter-se em pé? Deixai-me soltar meus sentimentos ainda que vos pareçam paradoxos e que sejam contra a opinião comum, que tem em muito esta nova fundação; e até contra factos que parecem abonar a grandeza desta obra. Cumpre ver as coisas por dentro. O Marquês não fez o que convinha fazer. Este Ministro apesar de tudo quanto disseram dele os seus panegiristas não talhou um plano útil, que honrasse a sua Nação, e o seu século. O amor das letras e o génio literário não presidiram à sua reformação. A paixão desmedida contra os Jesuítas, e o desejo insaciável de mostrar a todo o mundo que eles haviam estragado a literatura portuguesa e que era necessário a Portugal fazer novos esforços para restaurar outra vez as Artes e as Ciências, foram os móveis que o fizeram entrar na empresa dos novos Estudos de Coimbra e ir em pessoa estabelecê-los naquela capital das letras. Destes motivos podiam todavia resultar grandes proveitos. Porém não tinha nem a inteligência para conhecer as coisas sólidas, nem conselheiros ilustrados que sobre elas lhe dessem luzes, nem executores hábeis que as executassem», Mss. vol. 130, fl. 205, cit. por T. Braga, *História da Universidade de Coimbra*, t. 3, Lisboa, 1898, p. 571.

«Ode a Fileno»

Coimbra» redigida provavelmente nos finais de 1777 ⁽¹⁵⁾, e pelos vários autores de numerosas poesias escritas mais tarde, talvez na década de 80, e que nos mostram satiricamente e por vezes com grande acutilância como de facto a reforma pombalina não conseguira realizar todos os seus intentos. Referimo-nos concretamente aos poemas «O Reino da Estupidez» e à «Ode a Fileno» que ao lado de outros sonetos, décimas e outros versos se destacaram na avaliação da reforma pombalina da Universidade ⁽¹⁶⁾.

A «Ode a Fileno» que seguidamente vamos transcrever revela-se-nos um documento assás curioso para o âmbito da nossa investigação, porque ao longo das suas quadras que são agrupadas em dois cantos, o Autor, anónimo sempre, compara os métodos, o ensino e os costumes univesitários antes e depois da «nova plantação» ⁽¹⁷⁾.

⁽¹⁵⁾ A «Dissertação crítica sobre os estatutos da Universidade de Coimbra» encontra-se transcrita por A. de Almeida Calado, na separata do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», vol. XXII, Coimbra, 1954.

É sem dúvida um documento importante para uma apreciação da reforma universitária pombalina, pois pela acuidade do seu testemunho revela a necessidade premente de não deixar estagnar o movimento reformador. Vide particularmente a nota introdutória, pp. 1-25.

⁽¹⁶⁾ Note-se que apenas aqui referimos aqueles dois poemas, embora de intenção bem diferente, que satírica e anonimamente comentam as vicissitudes da Reforma Pombalina, tão só porque nos parecem os mais adequados ao âmbito do nosso trabalho. De resto, a reforma pombalina da Universidade assim como a figura do Marquês de Pombal, foram temas privilegiados na poesia setecentista portuguesa. Vide: M. H. da Rocha Pereira, *Ecos da Reforma pombalina na poesia setecentista*, sep. da Revista «Bracara Augusta» vol. XXVIII, Braga, 1974. Outros poemas herói-cômicos sobre aquele e outros temas da história portuguesa podem ser consultados a partir da colectânea de Alberto Pimentel, *Poemas herói-cômicos portugueses (Verbetes e Apostilas)*, Porto, 1922.

⁽¹⁷⁾ Consultámos dois manuscritos, um existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e outro proveniente da Biblioteca da Academia das Ciências, cuja leitura nos foi gentilmente facultada e cedida. O título, o tipo de letra e o aspecto gráfico é semelhante nos dois manuscritos. O texto não tem também quaisquer diferenças que possam alterar o sentido interpretativo.

A transcrição do manuscrito 1327 existente na B. G. U. C. é feita sem qualquer aparato crítico, que, todavia, se impunha, mas que não nos foi possível, dado que seriam necessárias investigações mais profundas que não foram exequíveis no pouco tempo que dispunhamos. Utilizámos como critério de transcrição, a actualização gráfica.

Como o leitor verá, o poema remete-nos para a formulação de algumas pistas e interrogações que podem ajudar a quem pretenda uma compreensão global do verdadeiro significado ideológico e cultural daquilo a que se deu o nome de reforma pombalina do ensino universitário.

Assim, da nossa leitura resulta uma primeira constatação: a «Ode a Fileno» é claramente uma crítica à reforma pombalina e também ao próprio poema congénere «O Reino da Estupidez». Como refere o seu Autor: «Se estúpida é a ciência / A quem regula a presente norma / Vem sua descendência / Muito lá do princípio da reforma.» E mais adiante: «Do conceito algum tanto / Caíu o Autor da Estupidez moderna / Tendo ao ostentar espanto / Por livrar a cabeça quebra, a perna // Se de um D. Carlos fala / Deverá o estupidante na verdade / Saber que o não iguala / Na sua respectiva Faculdade» (18).

Aqui reside uma diferença fundamental entre os dois poemas satíricos: enquanto «O Reino da Estupidez» aponta um determinado estado de estagnação em que plasmava o ensino na Universidade durante o reitorado do Principal Mendonça, na «Ode a Fileno», a crítica atinge toda a reforma pombalina. Com efeito, o Autor afirma desde logo que a ciência moderna não fora instalada na Universidade, pela reforma de 1772: «Já muitos antes antes / Em Coimbra a moderna se sabia / Nos Cónegos regrantes / E em todos os colégios da Sofia» (19). E ao longo do poema (particularmente no canto segundo) o Autor retoma a mesma ideia. Assim, afirma por exemplo que «às Faculdades grandes em nada acrescentou a reforma moderna» e que «os mestres modernos são filhos da Academia antiga».

Destroi mesmo a reforma de 1772 ao afirmar: «Na chamada reforma / De novo só há nomes de arrogância / Tudo é plataforma / Uns baixos acidentes sem substância». E mais adiante: «Eu sou sincero e o provo / Eu tenho aos novos actos assistido / Não vi questão de novo / Que aqui se não tivesse defendido».

Critica o ensino em todas as Faculdades, para concluir que os professores antigos são melhores que os novos —

(18) Note-se que D. Carlos Maria de Figueiredo Pimentel (lente de prima na Faculdade de Teologia), é particularmente criticado no poema «O Reino da Estupidez».

(19) Sobre a renovação do ensino operada nos Colégios e anterior à reforma pombalina de 1772, vide a nota 7.

«Ode a Fileno»

«nestes tudo é ameno» (20). E se se criticava os antigos pela prática institucionalizada da elaboração de postilhas, o que é que os novos seguem, que nem postilhas fazem?

— «Valem-se de compêndios / De autores estrangeiros adoptados / Que são dignos de incêndios / Por confessos e falsos abraçados // Do Estatuto, o preceito / De ordenarem compêndios, isso é pulha / Nem um só se tem feito / O preceito del'rei mete-se à bulha».

Mas não é só o ensino dos novos professores que o Autor critica, pois em vários momentos, e em tom bastante irónico, troça dos costumes dos Antigos e dos Modernos (21).

Em conclusão: ao contrário do que em muitos sectores inclusivamente estrangeiros (22), se pensou da reforma pombalina, o autor do poema satírico — talvez um clérigo regular, pois parece ser sintomática a sua defesa dos «frades» (23) — coloca-se em total oposição a ela, considerando que nada trouxe de inovador. A «Ode a Fileno» insere-se, pois, a nosso ver, ao contrário do que se passava com «O Reino da Estupidez» — que não atacava a reforma, mas sim a Universidade do

(20) Note-se que essa crítica não é feita ao professor de Astronomia, José Monteiro da Rocha, nem aos professores italianos que ensinavam na Universidade, recrutados por Pombal: «Aqui faço memória / Da *mathesis* que goza um só Monteiro / Da natureza histórica / Só merece louvor algum estrangeiro.»

(21) «Os velhos no asseio / Eram rançosos, eram descuidados / Estes são um enleio / De Adonis, de Narcisos namorados // Dos velhos os vestidos / Era uma batina mal escovada / Mas estes são cúpidos / De batinas e becas bem estofadas».

(22) São os casos de Link, de Gaubier de Barrault e de Campo-manes que não deixam de elogiar a reforma pombalina de 1772. Vide António Ferrão, *A Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra e a sua apreciação por alguns eruditos espanhóis*, Coimbra, 1926, pp. 100-113.

Ainda sobre a repercussão da reforma de Pombal na Europa, lemos numa carta em crítica, também anónima, à oração proferida pelo P. Teodoro de Almeida na abertura da Academia das Ciências: «Como poderia o autor [o P. Teodoro de Almeida] ouvir dizer mal desses [os reformadores], quando há trinta anos a Europa toda nos olhava com respeito e admiração pelos belísimos planos de estudo que viu sair de Portugal. Não leu nunca a *Gazeta Eclesiástica* aonde se tecem os maiores elogios aos Estatutos da Universidade de Coimbra? Não leu o *Correio Geral da Europa*? Não teve quem lhe dissesse que muitos estrangeiros, homens doutos e fidalgos, depois de fundada a Nova Universidade, vieram de propósito vê-la e ouvir as suas acções públicas?» Ms. 1504, fl. 71, B. G. U. C.

(23) Por exemplo, ao afirmar: «Sempre te vão ao vulto / Os Frades porque têm razões de sobra / Se te chamarem estulto / Dos frades não te queixes, sim da obra.»

O Marquês de Pombal

período mariano — no espírito da «Viradeira». Ela é — cremos — sintomática da reacção dos sectores intellectuais prejudicados pela acção pombalina, que, no tempo de D. Maria I, aproveitaram para atacar as reformas do ministro de D. José.

*

«Ode Argumento Fileno Sócio da Academia das Ciências de Lisboa consulta a Fábio lhe relate os progressos das Ciências em a nova plantação da Universidade pedindo-lhe juntamente o seu parecer a respeito das Ciências modernas e antigas. Responde Fábio dividindo a sua Ode em dois cantos; no 1.º no que pertence à antiga; no segundo no que pertence à moderna».

PRIMEIRO CANTO

Dizei-me Amigo Fábio,
Representai-me ao vivo as nobres cenas
De Congresso tão Sábio
Que ilustra e condecora a nobre Atenas

Dizei-me de seus Lentes
Se a nova plantação tem aumentado
Ramos impertinentes
Pela mesma raiz se tem cortado

Dizei-me se a caterva
Dos alunos merece palma e louro
Dizei-me se Minerva
Ela os vai cobrir com manto de ouro

Dizei-me sem falência
Cada qual no seu estudo o que merece,
Se o amor da ciência
Os move ou só arrasta o interesse

Dizei-me desse estudo
Moderno, seu progresso, e seu estado,
Dizei, dizei-me tudo
Das Ciências do século iluminado

Estas minhas perguntas,
Não julgueis importunas Fábio Amigo,
Pois me achei em mil juntas,
Que ouço reclamar o tempo antigo

«Ode a Fileno»

Lembram-me os Heróis
De que a mesma experiência nos ensina,
Que foram claros Sóis,
Com que hoje o Luso Império se ilumina

No Gabinete Augusto,
Se acham filhos da Atenas bem antigos,
Que sustentam sem susto
O Reino do furor dos inimigos

Inimigos do Ócio,
Trabalham pelo bem do Reino todo,
Dão a qualquer negócio,
A sábia expedição, por melhor modo

Mandam ao mar e à Terra,
Assinar justas e sábias providências,
Dos insultos da guerra
De longe sabem ver as contingências

Um Reino inalterável
Quando os mais se perturbam cada dia,
Olham à paz amável,
Os alunos da antiga Academia

Lembram-me os Togados
Que tiveram no Reino altos assentos,
Os rectos Magistrados,
Sábios, justos, prudentes, bem atentos

Outros muitos Ministros,
Que de Estrea a balança a mão segura
Os informes sinistros,
Reprovam com justiça santa e pura

Famosas diligências
Que lhe recomendou o Luso Império
Completas dependências
Glória do Reino, honra do Magistério

Fábio agora prossiga
Dos Heróis relatar a glória eterna
Na Academia antiga
Depois descreveis os da moderna

O Marquês de Pombal

Sem artifício ou arte
Eu princípio já a referir-vos
De um século a esta parte
Os Heróis que ainda viram os que estão vivos.

A Santa Teologia
Que Doutores, que Mestres singulares
Levando a primazia
As aplicadas ordens regulares

Os sagrados Colégios
Que adornam esta Atenas Portuguesa
Deram Mestres egrégios
Para desempenhar qualquer empresa

Os Bentos, os Bernardos
Os de Cristo, Trindade e Franciscanos
Que Heróis abalizados
Carmelitas, os Loios, Gracianos

Os Cónegos Regrantes
Os Monges de Belém que alto conceito
Merecem ser gigantes
De Ciência, virtude e do respeito.

Em compêndio falei
Desta Congregação Religiosa
Crédito do Reino e Rei
E glória imortal que Atenas goza.

Em especial começo
Referindo os Heróis da Faculdade
Heróis de um alto preço
Que viverá seu nome em toda a idade.

Um Távora, um Sardinha
Santa Helena, um Jacinto e um Vieira
E um sútil Doninha
Chichorros, Daniel, um Tomás Pereira.

Sanches, Valésio, Ignácio
Luz, Santo António, Plácido e um Rocha
Que no Império Lácio
Cada qual se ostentou brilhante autorca.

«Ode a Fileno»

Calhão, Costa Cardoso
Bartolomeu Cristovão, Spectação
Igual Sol luminoso
Feliciano atendo e com razão.

Jaques, Boaventura
Outro Vieira, Ignácio em tudo iguais
Doutrina sábia e pura
Nos doutos, Chantres, sábios Magistrais

Destes Heróis tão sábios
Que o mundo acreditou e assim presumo
Tocaram os meus Lábios
Para os fazer ver só em resumo

Em ambos os Direitos
Que Sábios Mestres, que varões famosos
Que elevados sujeitos
Na sábia esfera Astros luminosos

Em epílogo abranjo
Os corifeus dos Cânones sagrados
A um Miguel Braz Anjo
Almeidas, Sousas, Pereiras e Berardos

Peço que os Astros juízes
Seixas ali vereis, Bernardos, Gomes,
Araújos, Dinizes
Custódios, Rochas, Guerras e outros nomes

Estes Mestres de fama
Que em epílogo aqui descrever pude
Heróis o mundo aclama
De Ciências, respeito e virtude

E que brilhantes Astros
Houve nas Leis Civas de luzes raras
Os Cardosos, os Castros
Pires, Moirões, Pinheiros e Searas

Amorins e Casados
Seabras e Viegas singulares
Luís, Queirós Togados
Os Novais, os Ferrazes, os Soares

O Marquês de Pombal

Estes Mestres sublimes
Que descreveu em Mapa a minha ideia
Castigaram os crimes
Sustentando a balança a deusa Estrea

Se falo em Medicina
Ah que mestres tão sábios e entendidos
Sua rara doutrina
Acudia aos enfermos e afligidos

Os Ortigões e os Vales
Os Pessoas, os Reis, Lopes, Amados
Desterravam os males
Com remédios felizes e aprovados

Os Alvares e Duartes
Gomes Silvas, Amaros, os Mirandas
Mostraram em todas as partes
As curas eficazes sendo brandas

Porém sem aparato
Uma cura fazer quase divina
Pertence ao doutor Gato
Como se fosse deus da Medicina

Estão ditos em compêndio
De Apolo os filhos de Escupálio alunos
Que das queixas ao incêndio
Apagavam por meios oportunos

Eis aqui as ciências
Que ensinava a antiga academia
Das outras as regências
Ao Colégio das Artes pertencia (24)

(24) Encontram-se na obra de Luis de Albuquerque, «O Reino da Estupidez» e a reforma pombalina, Coimbra, 1975, alguns dados para a identificação dos nomes dos professores e das cadeiras que regiam e que são comuns aos dois poemas «Ode a Fileno» e o «Reino da Estupidez». E também em Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, t. 3, Lisboa, 1898. Por essa razão não as transcrevemos.

«Ode a Fileno»

SEGUNDO CANTO

Fileno eu já começo
A dizer da moderna quanto alcanço
Ao grande Deus peço
Que desterre de mim quanto é ranço

As faculdades grandes
Em nada acrescentou esta moderna
Amigo, e quando mandes
Mostrarei que esta é verdade eterna

As ciências menores
Porque assim lhe chamou o tempo antigo
Hoje não são melhores
Eu vos hei-de mostrar dilecto amigo

Na chamada reforma
De novo só há nomes de arrogância
Tudo é plataforma
Uns baixos acidentes sem substância

Destes Mestres modernos
E que esperais Fileno que vos diga
Eles são filhos ternos
Da nossa Academia, mas antiga.

Se houver alguns que afecta
Teimando que aumentaram os estudos
Na moderna é pateta
É rombo do juízo, é pouco agudo

E se alguns especiosos
Preferem estes estudos dos primeiros
Ou eles são teimosos
Ou são aduladores lisonjeiros

Eu sou sincero e o provo
Eu tenho aos novos actos assistido
Não vi questão de novo
Que aqui se não tivesse defendido

Diversos acidentes
Que nada ilustram as matérias
Nomes impertinentes
Ou gregas expressões vozes aéreas

O Marquês de Pombal

Os dos altos empregos
Entre os mais furiosos desatinos
Sem passarem aos gregos
Das aulas desterram aos latinos

O *ergo* e o *atqui*
Lançaram fora com a maior fúria
Amigo, e eis aqui
A reforma da nova sábia curia.

No socrático estilo
Querem que os seus alunos argumentem
Eu desejava ouvi-lo
Porém eles a Sócrates desmentem

São hoje os argumentos
Termos confusos, mil arrazoados
São vários pensamentos
Deste e daquele livro emendicados

Se lhe falam em forma
Recebem estas vozes com risadas
Esta é a bela norma
Estas novas cabeças reformadas

Sem forma e sem conceito
Sem união sem ir nada ligado
Vão a torto e a direito
A arguir este século iluminado

Nos tempos anteriores
Dizem que os argumentos se passavam
Hoje há mais passadores
Do modo que os antigos não usavam

E destes vis azares
Nem remédio nem cura agora vejo
Se alguns dos Regulares
Sem vergonha o praticam e já sem pejo.

Se falam nos exames
Não vem aqui novato incipiente
Pois torcem-se os arames
Em havendo Padrinho ou mão pendente

«Ode a Fileno»

As línguas orientais
Língua grega, hebraica e geometria
É tudo igual ao mais
A Retórica e mais a Filosofia.

Aqui faço memória
Da *mathesis* que goza um só Monteiro
Da Natureza histórica
Só merece louvor algum estrangeiro

Ainda que eu bem pudera
Neste passo mostrar aos circunstantes
Dos estrangeiros a esfera
Decifrada nas máquinas volantes

Da *mathesis* a empresa
Abraçaram os estudantes com desvelo
Congresso da pobreza
Que de graça tiveram o capelo

Destes toda a ciência
Só o grande Monteiro exceptuando
É só uma aparência
Mas poderão saber indo estudando

Está descrita a verdade
Das ciências da nova plantação
E da latinidade
Discorremos o mesmo que é razão

Se houver algum baboso
Que este meu parecer vos contradiga
Dizendo sou rançoso
Sabei que eu sei moderna e sei antiga

Nestes dois testamentos
Do estudo novo e do estudo velho
São os mesmos sentimentos
Recebidos qual outro Evangelho

Se isto desagrada
Não me retrato sejam inimigos
Sim, nada, nada, nada,
Sabem, que não soubessem os antigos

O Marquês de Pombal

Contra minhas razões
Vos porão argumentos ilusórios
Dizem que há mais lições
Neste tempo e com mil preparatórios

Mas porque é excessivo
O número das lições e seus preparos
Eis aí o motivo
Porque os bons estudantes serão raros

Um lustro é limitado
Tempo para avançar tantas doutrinas
Tudo fica ignorado
Quando muito as noções bem peregrinas

As excessivas cargas
Que aos camelos se lançam havendo guerra
Estalam pelas ilhargas
E o ânimo perdem, vão a terra

Se vão a obrigar
Um Estudante ainda esperto, e não camelo
Pode desempenhar
Lições, preparos e compor cabelo

Além disto horas mortas
Depois de umas cansadas sabatinas
Sentinelas das portas
Do botequim, do jogo e das meninas

Mas enfim não descanso
Sem dizer a verdade santa e pura
Os velhos tinham ranço
Os modernos limpeza, e formosura

Amigo sou sincero
Das modernas vantagens vos refiro
Só a verdade quero
A isto só anelo e só aspiro

Os velhos no asseio
Eram rançosos, eram descuidados
Estes são um enleio
De Adonis, de Narcisos namorados

«Ode a Fileno»

Dos velhos os vestidos
Eram uma batina mal escovada
Mas estes são cúpidos
De batinas e becas bem estofadas

O calçado e fivelas
Eram nos velhos coisa de pobreza
Hoje de preço e belas
E são bem demarcadas na grandeza

Dos antigos o trato
Era coisa de pouca entidade
Destes o aparato
Já vai a admirar esta cidade

Quando muito dois machos
Tinham os velhos em velhas liteiras
Hoje lindos penachos
Que adornam as berlindas mais ligeiras

Dos Antigos o estado
Se reduzia a um pobre cozinheiro
Junto com um criado
Que nunca teve nome de escudeiro

Mas hoje que vantagens
Descobre o mundo em os novos lentes
Bem asseados pagens
As baixelas e as quintas excelentes

Famílias numerosas
Alimentam em casa com grandeza
Panéficas formosas
Engomadeiras cheias de beleza

Sustentam além disto
As viúvas, casadas e solteiras
São testemunhas nisto
As congregações novas de Terceiras

Os antigos cabelos
Dos mestres se criavam inocentes
Inda os que eram mais belos
Em muitos dias não viam os pentes

O Marquês de Pombal

Que madeixas formosas
A nova plantação hoje alimenta
Que malas volumosas
Que um corno retorcido lhe sustenta

Topetes sobranceiros
De cheirosos polvilhos empoados
Gastam dias inteiros
Junto dos espelhos vendo seus toucados

Já concluo Fileno
A descrição que fiz dos dois partidos
Nestes tudo é ameno
Os velhos nada tinham de polidos

Sim não verão nos prelos
Destes bem adamados doutas peças
Têm melhores cabelos
Mas melhores não são suas cabeças

Fui no prelo falar
Vem queixas contra mim eu hei-de ouvi-las
Que me podem lembrar
As rançosas e inválidas postilhas

Com este monumento
Bem cuidam os modernos que me abracem
Mas eu respondo atento
Que nem tanto os modernos hoje fazem

Valem-se de compêndios
De autores estrangeiros adoptados
Que são dignos de incêndios
Por confusos, e falsos abraçados.

Do estatuto o preceito
De ordenarem compêndios, isso é pulha
Nem um só se tem feito
O preceito del'rei mete-se à bulha

A França está esperando
Para ver da reforma as suas prendas
Mas eles estão mangando
O ponto é divertir, comer as rendas

«Ode a Fileno»

Uns entregues ao ócio
E outros vão cair em pior erro
Subindo ao sacerdócio
Os topetes lhe volta o duro ferro

Outros quais peralvilhos
Suas cabeças são montes de neve
Alqueires de polvilhos
Fazem pesada a cabeça leve

E se algum desvela
Neste asseio, e tem negro carão
É a serra da Estrela
Nevada sobre o cais do carvão

Todas as bizarrias
Examinaram os lentes desta vez
Já querem senhorias
Sanhudos desterram as mercês

Nem disto são isentos
Os Frades, e não querem que se manguê
Sublimar tratamentos
Sem armas, sem brazões e menos sangue

Disto tudo era inércia
Nos velhos que eram do asseio herejes
Hoje tudo é sécia
Que completam rodando em boas sejes

Empresas literárias
Essas estão dormindo, estão de quedo
Sem dependências várias
Para o que tem bom geito, tem bom dedo

Os Regulares sendo
Por sábios pelas gentes conhecidos
Inertes os estou vendo
E mais depois que foram divididos

Foram tristes desmanchos
Que sofreu a Ciência Regular
Fizeram-se dois ranchos
E ficou tal ciência irregular

O Marquês de Pombal

E nestes dois extremos
De clérigos e frades juntamente
Nos estatutos Lemos
Desta monstruosidade foi agente

Com ódio entranhável
Aos frades buscou meios sinistros
Na divisão culpável
Enganando ao seu rei e aos seus ministros

O Infante a escutar
Estas disposições depois de ouvir
Disse não vai fundar
As letras o Marquês, vai as fundir

Do príncipe a sentença
Parece foi divina profecia
E diz quem melhor pensa
Se praticou na Santa Teologia

A divisão enorme
Lamentável será em toda a idade
Será disforme
A que era a mais formosa faculdade

Nela são preteridos
Insignes Mestres e luzidos Febos
E são admitidos
Os que em ciência e idade eram mancebos

Um deles foi sincero
Disse ao Ministro: eu não sei na verdade
Não importa, assim quero
E o mesmo manda e quer a Majestade

Outro fizeram lente
De liturgia, ele ouve e se admira
Confessa a outra gente
Que era ciência que ele nunca ouvira

Nem ciência do nome
Da liturgia este lente inda tinha
Porém a renda come
E ainda vai cavar a outra vinha

«Ode a Fileno»

Outros que estão providos
No rancho clerical isso é pasmar
São lentes escolhidos
Que nos concílios podem ir votar

A proporção é tudo
Fileno amigo nestes estudos novos
Não esperes deste estudo
Que a Academia alcance bons renovos

Oitenta e tantos mestres
Que julgo racionais, não estultos brutos
Que são árvores silvestres
Sem nos darem da empresa sábios frutos

Onde estão estas letras
Dos Modernos, e os doutos instrumentos
Eu só lhe vejo tretas
Para aumentarem seus emolumentos

Porém já digo aonde
As letras achareis com demasia
Em casa do Visconde
Entre os maços da sua livraria

Vereis mil petições
Fabricadas à instância dos modernos
Pedindo igualações
Só disso se tem feito mil cadernos

A Teologia Santa
Tem sido impertinente e enfadonha
Os ministros espanta
Pedindo as injustiças sem vergonha

Memoriais empenhos
E debaixo de dádivas a pontos
Vão preterir engenhos
Mais antigos, mais célebres, mais doutos

Do Ministro ao reboque
Andar anos em um contínuo rogo
Qual célebre Bustoque
E mais seu companheiro Fr. Diogo

O Marquês de Pombal

Eu não meto a burlesco
Destes dois referindo a sua história
Mas era caso fresco,
De repente ocorreu-me à memória

Posto que este sucesso
Destes dois incivis bem atrevidos
Devia ser expresso
Em favor dos honrados preteridos

Mais antigos, mais estudos
Mais serviços trabalhos nada assuste
Não serviam de escudos
Contra os golpes fatais da mão injusta

Porém eu me confundo
Vendo que estes soberbos corifeus
Vão fascinar ao mundo
Querendo ainda passar por Jacobeus

Fileno eu nunca pude
Unir, nem alguém pode em toda idade
Uma séria virtude
Com ambição, orgulho e vaidade

Daqui o que se tira
Pelo que vejo obrar na Academia
Me persuade infira
Que tudo é refinada hipocrisia

Assim descritas tenho
As cenas sem alinhio e formosura
Porque foi meu empenho
Mostrar aos olhos, o que é verdade pura

Se alguns dos Moderninhos
Criticar a minha Ode,
Quebrar-lhe-ei os focinhos
Que a pena está nas unhas de quem pode

Com eles aqui vivo
Eu subo às Cadeiras, como, e bebo
Se algum seja tão altivo
Respondei-lhe Fileno, sebo, sebo

«Ode a Fileno»

Eu conheço-os a todos
Sua ciência, vida e seus costumes
E eu sei por mil modos
Queimar incensos, exalar perfumes

Eu de um lente moderno
Que fabricou aqui a Estupidez
Por gentil e por terno
Quisera perdoar-lhe desta vez

Se estúpida é a ciência
A quem regula a presente norma
Vem sua descendência
Muito lá do princípio da reforma

Os Compêndios, os mesmos
Os mesmos Mestres bem cheios de brio
Quais foram os venenos
Que tolheu a Ciência e decaiu

Do conceito algum tanto
Caíu o Autor da Estupidez moderna
Tendo ao ostentar espanto
Por livrar a cabeça quebra a perna

Do Trigoso e poderoso
Falar, e do morgado dos Alpões
É empenho perigoso
Que lhe podem pisar as presunções

Se de um D. Carlos fala
Deverá o estupidante na verdade
Saber que não o iguala
Na sua respectiva faculdade

Só pode o estupidante
Dizer que censurava a Anatomia
Pois o julga ignorante
Como ele, na sã Filosofia

É D. Carlos sublime
Teólogo, e Filósofo eminente
Seria um grande crime
Ser contra a Anatomia; o autor mente.

O Marquês de Pombal

Diz que estimavam muito
Os Frades que esta Estupidez viesse
A que sobre o presunto
A porfia sobre ele se bebesse

E diz que alvoroçados
Da estupidez esperavam na imagem
Mandam os Prelados
Lhe fizessem benigna a hospedagem

Mais coisas semelhantes
Fingiu o Autor dos célebres colégios
Licença dos pedantes
Que tiram da ignorância os privilégios

E com esta jactância
Nos Regulares deu esta pancada
É certo que a ignorância
Sempre no mundo foi bem confiada

Sempre te vão ao vulto
Os Frades porque tem razões de sobra
Se te chamarem estulto
Dos frades não te queixes, sim da obra

Que a estupidez queriam
Os Regulares disse este poeta
E não quer que se viam
E mil vezes lhe digam que é pateta

A estupidez com Frades
É esta repugnante união
De tais extremidades
Qual há entre Lei Santa e o Alcorão

Estupidez nos conventos
Nos Colégios da Atenas Lusitana
Pueris pensamentos
De cabeça mais bruta do que humana

Já peço que me atenda
O Congresso dos sábios seculares
Para que hoje defenda
Desse tal estupidante aos Regulares

«Ode a Fileno»

Não era ainda sonhada
Reforma das Ciências, e das Artes
E a ciência sagrada
Era já regular, e as suas partes

Muitos anos havia
Em que os Frades já tinham ensinado
O que hoje a Academia
Quer fazer especial do seu morgado

As Sagradas Escrituras
Em os dois testamentos, Novo e Velho
Suas verdadas puras
Primeiro defendeu o Doutor Botelho

A Exegética tida
Por filha que a Reforma estima
Foi antes defendida
Pelo mesmo doutor que digo acima

Da Teologia a ideia
Suas partes, sentidos, divisões
Em pública assembleia
O mesmo a defendeu em Conclusões

O alto poder régio
Lhe elevou em Coimbra um obelisco
Um regular epégio
E reformado filho de Francisco

Na mesma competência
Dissertou sabiamente um heróico verso
Um que é de Penitência
E ali convenceu qualquer adverso

Liturgia, história, ritos
Em Santa Cruz tiveram o agasalho
Com sócios eruditos
Todos escreveram com desenxovalho.

A liturgia primeiro
Na corte defendeu causando inveja
Então Frade Terceiro
Hoje um grande prelado, o senhor Beja

O Marquês de Pombal

Pelo seu douto plano
Se tirou e ordenou aquela norma
Que manda o soberano
Que fosse ela o modelo da Reforma

Que o hebraico se estude
Pela Arte que um Terceiro tinha feito
E que isto se não mude
Manda debaixo do real preceito

A reforma não era
E já regular tinha erguido
Até a alta esfera
A Ciência um padrão, o mais luzido

Em Jesus dos Cardais
Pomposa Enciclopédia ali brilhava
As línguas orientais
Toda a Ciência e Arte se ensinava

Logo da mesma sorte
Segundo o Regular este exemplo
Se elevaram na Corte
A ciência moderna augustos templos

Já muitos anos antes
Em Coimbra a moderna se sabia
Nós cónegos regrantos
E em todos os colégios da Sofia

Fileno considera
Se a estupidez não é coisa de riso
É fingida quimera
Da cabeça de quem tem pouco siso.

A memória me vem
Fileno pensamentos eficazes
Que a Estupidez é Mãe
Dos dois estupidantes, dos rapazes

Estupidez é loucura
Porém dar-lhe o remédio sabem poucos
Levem-me à clausura
Porque os Frades só sabem curar loucos

«Ode a Fileno»

Fazer loucura sábia
Ao inerte inspira a sã doutrina
Nem unguentos da Arábia
E nem do Galahat sua resina

Os Regulares sim
Que ao inerte sem estudo sem talento
Lhe ordenam em Latim
Orações com que alcançam luzimento

No púlpito e cadeira
Muitos estúpidos sei que tem brilhado
Disfarçam sua asneira
Com os papéis que os Frades lhe têm dado

E se este é o intento
Que a estupidez no Claustro o Autor quer
De Censura é isento
O Claustro a irá buscar com bem prazer

Cristo assim recebia
O Simples, o Ignorante, o Insipiente
Juízo lhe infundia
E o estúpido passava a ser ciente

Desta sorte os Regrantes
Com prazer buscaram a estupidez
E outros estupidantes
A ver se tem juízo alguma vez

Mas Fileno esquecia
Dizer-te que nas outras Faculdades
Já há muito se sabia
Todas estas questões de novidades

Em ambos os Direitos
Se tinham defendido Conclusões
Por egrégios sujeitos
Causando à Academia suspensões

Dos Cânones primeiro
Nas Magnas conclusões tanto brilharam
Um Melo e um Ribeiro
Onde os modernos inda não chegaram

O Marquês de Pombal

Nem as altas façanhas
Em conclusões imensas coisas rara
Chegaram ao Mascarenhas
E a quem lhe presidiu o bom Seara

De Esculápio a doutrina
Não preciso fazer apologia
A moderna é Dina
Raquel a antiga, e fecunda Lia

Per saltum tomar ordens
Sem terem dispensado os intrestícios
São do Estado desordens
Que trazem defeitos, muitos vícios

Subir aos Capelos
Sem actos, argumentos, sem exames
Podem ser uns camelos
E sobretudo podem ser infames

Subir ao Magistério
Sem Discípulo ser, e adiantar-se
A um Congresso sério
Muito custa Fileno isto a tragar-se

Não alcanço as ideias
Mestres havendo aqui abalizados
Ir buscar às aldeias
Os Médicos depois de outros estados

Fileno fui extenso
Mas falei como ingénua e como liso
Eu sem as paixões penso
Salvo sempre senhor melhor juízo

Satisfiz ao preceito
Fileno aí vos mando esse desenho
Se não estais satisfeito
Mandai-o retratar por outro engenho

F. L. DEO.